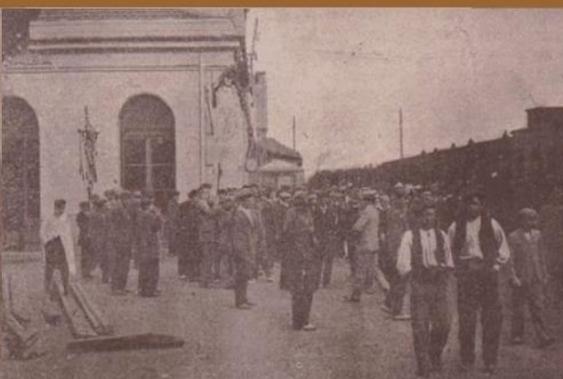
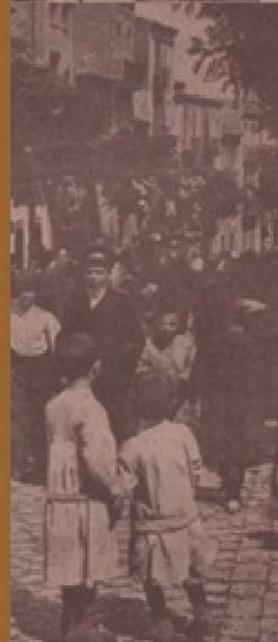




O APÓSTOLO DO ESPIRITISMO DA ESPANHA

Miguel Vives y Vives



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O APÓSTOLO DO ESPIRITISMO DA ESPANHA
Miguel Vives y Vives

Original em espanhol, de 1971

CESAR BOGO

LA CRONISTA DE LOS POBRES: AMALIA

CONFEDERACIÓN ESPIRITISTA ARGENTINA

Original em espanhol, junio de 1908

REVISTA ESPIRITISTA LUZ Y UNIÓN

AS FESTAS EM HOMENAGEM A ALLAN KARDEC

E MIGUEL VIVES Y VIVES EM TERRASSA

Redactor Jefe: Amalia Domingo Soler

Tipografía de Luz Y Unión

Gracia - España

Tradução: Teresa da Espanha

Prefácio: Jorge Hessen

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Ery Lopes

Versão digitalizada:

© 2019

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos



Humildemente dedico este livro,
aos meus queridos irmãos espíritas:
Jorge Hessen, Ery Lopes,
e minha querida amiga Teresa da Espanha.

REFLEXÃO

Num dos seus escritos, publicados na revista *A Doutrina*, órgão da Federação Espírita do Paraná, de cuja instituição era sócio honorário, escreveu em 1906:

“Os Centros Espíritas devem ser a Cátedra do Espírito da Verdade. Porque, se não servirem ao espírito de luz, sofrerão a influência do espírito das trevas. E desgraçados daqueles espíritas que estiverem sob essa influência, pois, pouco, bem pouco, poderão avançar na sua evolução. Veem-se alguns Centros Espíritas cair na prática de graves aberrações, por falta de bom senso e por não adotarem as medidas adequadas às circunstâncias. São dominados por influências perversas, contraindo tremendas responsabilidades, em vez de progredirem e se aperfeiçoarem.”

Miguel Vives Y Vives
O Apóstolo do Espiritismo da Espanha

ÍNDICE

Prefácio.....	06
Biografia: Miguel Vives y Vives.....	08
PRIMEIRA PARTE	
Infância e juventude.....	12
Conhecendo o Espiritismo.....	14
O médium.....	15
O curador.....	16
Atividade social.....	20
Divulgando o Espiritismo.....	22
Guia prático do espírita.....	24
SEGUNDA PARTE	
As festas em homenagem a Allan Kardec e Miguel Vives y Vives em Terrassa.	
Preparativos em Barcelona.....	28
Em Terrassa na semana anterior.....	31
O primeiro dia - A viagem para Terrassa.....	34
O segundo dia - De manhã - Na montanha.....	43
Diante do túmulo de Miguel Vives.....	55

PREFÁCIO

O material de pesquisa contido no portal *Autores Espiritas Clássicos* apresenta característica de fidedigna relíquia histórica, produto da profunda escavação para o encontro e resgate dos tesouros perdidos nos porões da indiferença ou censurável amnésia dos líderes que conduzem o tal movimento espírita. Em nosso exumo um nome encontramos no esquecimento da história do Espiritismo, trata-se do espanhol Miguel Vives y Vives, nascido em Barcelona em 1842.

Miguel Vives y Vives conheceu o Espiritismo em 1871 (dois anos após o epílogo carnal do Codificador) quando, muito enfermo, foi conduzido a um grupo espírita que o auxiliou na recuperação da saúde. A partir de então ficou os pés nas fileiras espíritas, fundando a Federação Espírita de Vallés, da qual surgiu a Federação Espírita da Catalunha. Posteriormente fundou o Centro Espírita Fraternidade Humana (1872), em Terrasa, aí tendo lançado a obra *Guía Práctica Del Espiritista* e que foi traduzida para a língua portuguesa por Herculano Pires que foi publicado pela editora EDICEL com o título "*O Tesouro dos Espíritas*". Mais tarde fundou a revista *União*, periódico que se incorporou à *La Luz del Porvenir*, que se destacou na divulgação do movimento naquele país.

Amália Domingo Soler, médium que protagonizou a recepção da obra clássica na literatura espírita intitulada *Memórias do Padre Germano*, foi parceira de trabalho de Vives y Vives. Em 1891, Vives mudou-se para Barcelona, buscando melhores ares para a sua saúde combalida. Nos primeiros dias de 1892, foi eleito Presidente do Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos onde, não obstante seu precário estado de saúde prosseguiu na propagação do Espiritismo.

Miguel Vives quase sempre reunia os deserdados dos bens materiais em amplas refeições fraternais, nas quais não faltavam os manjares que recompunham o físico, enquanto com sua oratória apresentava o banquete do espírito, a fé perdida, a sede de amor, a necessidade da paz interior. Quando sua filha Michela se casou, um cortejo de centenas de mendigos acompanhou os noivos, oferecendo-lhes sua proteção.

Em 29 de setembro de 1881, quando Amália Domingo Soler visitava Tarrasa, o filho de Sr. Miguel, um vivo garoto de seis anos, apresenta-se trazendo nas mãos,

orgulhoso e alegre, uma carta. Era um agradecimento dos presos do cárcere da cidade, com felicitações pelo onomástico de Sr. Miguel, a que chamavam "protetor" pelas muitas atenções que a eles prodigalizava, fazendo menos triste e aflitiva a condenação que suportavam.

Quando desencarnou, Miguel Vive y Vives recebeu do povo comovido os mais sentidos tributos. Sua morte causou profundo golpe à população da cidade espanhola. As fábricas paralisaram suas atividades, o comércio cerrou suas portas à hora do sepultamento do seu corpo, a fim de permitir aos seus empregados o acompanhamento do esquife ao cemitério.

Vives não era político, não cortejava a popularidade e, no entanto, graças ao seu exemplo de abnegação, recebeu diversas consagrações públicas de sua terra, apesar de viver num país de profundas tradições católicas, onde homens e livros foram queimados no decorrer de muitos séculos.

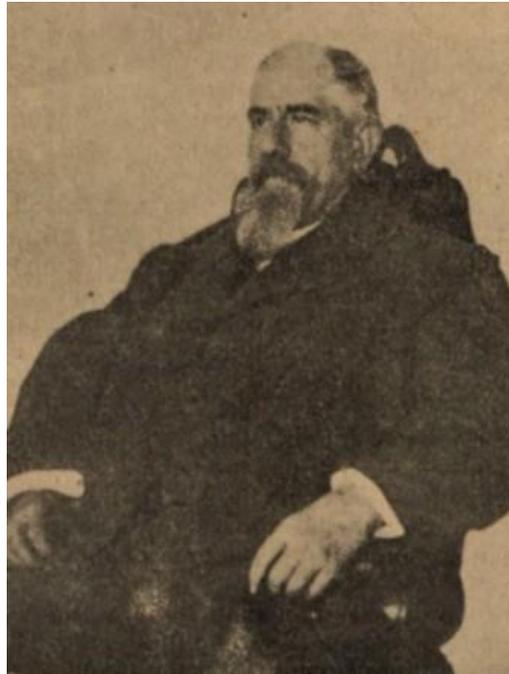
Nossa homenagem a um patrimônio não somente do Espiritismo, mas de toda a Humanidade.

Obrigado, Vives!!!

Jorge Hessen

O Combativo Escritor Espírita

BIOGRAFIA



MIGUEL VIVES Y VIVES

O APÓSTOLO DO ESPIRITISMO DA ESPANHA

(1842 - 1906)

Nascido na Espanha na cidade de Barcelona em 1 de dezembro de 1842 e desencarnado, na cidade de Tarrasa, no dia 23 de janeiro de 1906.

A Espanha foi o berço dos grandes Congressos Espíritas, tendo os espanhóis exercido verdadeiro pioneirismo nesse campo, bastando citar o Congresso Espírita Internacional de 1888, levado a efeito em Barcelona. Em congressos realizados posteriormente, principalmente no de 1934, a delegação espanhola desenvolveu ingente tarefa em favor da tese reencarnacionista.

Anteriormente à guerra civil de 1936-39, a Espanha se destacava, de forma inusitada, na divulgação do Espiritismo, bastando dizer-se que já em 1873 havia sido proposto no Parlamento Espanhol o ensino da Doutrina Espírita.

Miguel Vives y Vives foi um dos mais destacados vultos do Espiritismo naquele país. Seu nome teve projeção mundial e sua ação foi das mais notórias. Quando um homem consegue cumprir fecunda tarefa na defesa e difusão do ideal que sustenta, fazendo dele um culto e predispondo-se a lutar de forma ininterrupta em seu favor, podemos, na realidade, qualificá-lo de apóstolo.

Miguel Vives y Vives foi o Apóstolo do Espiritismo na Espanha e, pela população de Tarrasa, era denominado Apóstolo do Bem.

Foi um exemplo vivo de abnegação. Evangelizou pela palavra escrita e falada - através da tribuna, do livro e da imprensa. Toda a sua obra se apoiou sobre a força moral da exemplificação e vivência dos ideais espíritas e cristãos.

Fundou a Federação Espírita de Vallés, da qual surgiu a Federação Espírita da Catalunha, entidade que teve vida efêmera. Em Tarrasa fundou o Centro Espírita Fraternidade Humana e lançou a famosa obra *Guia Prático do Espírita*, há muitos anos vertida para o português, em edição da Federação Espírita Brasileira. Mais recentemente, a Edicel, de S. Paulo, lançou, no vernáculo, a sua obra também famosa *O Tesouro dos Espíritas*.

Foi também fundador da revista *União*, órgão esse que se incorporou à revista *La Luz del Porvenir*, de marcante atividade na difusão dos ideais reencarnacionistas. Foi presidente do Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos.

Sua esplendorosa mediunidade fez com que se desenvolvesse, em Tarrasa, verdadeira obra em favor dos necessitados do corpo e da alma, socorrendo os desajustados, os enfermos e os humildes, ao ponto de, ao desencarnar, causar profundo golpe à população daquela cidade espanhola.

As fábricas paralisaram suas atividades, o comércio cerrou suas portas à hora do sepultamento do seu corpo, a fim de permitir aos seus empregados o acompanhamento do esquife ao cemitério. Durante o trajeto, verdadeira muralha humana se formou ao longo das ruas e na necrópole, no propósito de atender aos pedidos de todos que desejavam vê-lo, o ataúde permaneceu aberto durante uma hora e aproximadamente 5.000 pessoas desfilaram diante dele.

Ele não era político, não cortejava a popularidade e, no entanto, graças ao seu exemplo de abnegação, recebeu uma das maiores consagrações públicas de sua terra, apesar de viver num país de profundas tradições católicas, onde homens e livros foram queimados no decorrer de muitos séculos.

Miguel Vives foi notável espírita. Foi um homem que se dignificou pela prática das boas obras e pelo desempenho de verdadeira missão de tolerância e de amor.

Num dos seus escritos, publicados na revista *A Doutrina* órgão da Federação Espírita do Paraná, de cuja instituição era sócio honorário, escreveu em 1906:

"Os Centros Espíritas devem ser a Cátedra do Espírito da Verdade. Porque, se não servirem ao espírito de luz, sofrerão a influência do espírito das trevas. E desgraçados

daqueles espíritas que estiverem sob essa influência, pois, pouco, bem pouco, poderão avançar na sua evolução. Vêem-se alguns Centros Espíritas cair na prática de graves aberrações, por falta de bom senso e por não adotarem as medidas adequadas às circunstâncias. São dominados por influências perversas, contraindo tremendas responsabilidades, em vez de progredirem e se aperfeiçoarem”.

Fonte: Paulo Alves de Godoy - *Grandes Vultos do Espiritismo*

PRIMEIRA PARTE

INFÂNCIA E JUVENTUDE

Miguel Vives nasceu em Barcelona no ano de 1842. Os primeiros anos de sua vida foram marcados pela dor da morte dos entes mais queridos. Com apenas dois anos de idade, ficou órfão de mãe, com cinco foi levado para Sabadell; aos onze sofreu a morte do pai, ficando sob os cuidados de seu irmão Augusto.

Aos quatorze anos Miguel começou a estudar música com bom aproveitamento; agrupou crianças para formar sociedades corais e escreveu peças musicais que, pela pouca idade do autor, chamaram vivamente a atenção.

Pessoas influentes da época, entre as quais D. Pascual, interessaram-se muito pelo jovem músico e quiseram levá-lo ao Mosteiro de Montserrat, para que ele formasse parte do seu notável Coro.

Casou-se em 1868, aos 26 anos. Este feliz acontecimento chegaria a desencadear a maior crise sofrida por ele, pois mais uma vez ficaria privado de sua amada. Em plena lua-de-mel desencarnou de repente a mulher eleita por ele como companheira de vida; este evento levou Miguel a uma profunda depressão, que teve como conseqüência uma grave doença que o manteve em completa inatividade por cinco anos. Não apenas sua saúde psíquica ficou abalada, como também a saúde física, passando os melhores e mais vigorosos anos de juventude em prostração, com um organismo fraco e doentio. Ele mesmo descreve em seu livro aquela etapa de sua vida, e o que lhe deu as forças necessárias para sair daquela situação deplorável:

“Meu Deus! O que eu era antes de ser espírita? Uma criatura ignorada e completamente incapaz. Tanto era assim, que eu me sentia perdido na mais crítica e miserável situação em que um homem pode encontrar-se nos mais belos dias de sua juventude. Com a saúde perdida, os amigos se afastaram de mim; sem forças para trabalhar, fiquei cinco anos sem sair de casa. Era tal o meu estado, que sem a proteção dos pais da minha esposa, a quem nunca serei grato o suficiente, teria de ser internado em um hospital. Aquela situação já durava por cinco anos, quando meus cunhados se mudaram de Sabadell, onde eu morava desde criança, para Tarrasa. E foi mais por misericórdia do que por qualquer outro motivo que eles me levaram também, para ver se a minha saúde melhorava.

“Estávamos no ano 71 do século passado. Após seis meses em Tarrasa, um dia eu fui a Sabadell, e meu irmão de sangue falou-me do Espiritismo. No começo, achei aquele assunto

muito estranho. Mas como ele estava falando sério, e eu conhecia seu juízo e honestidade em todas as questões da vida, compreendi que existia qualquer coisa de verdadeiro naquilo que ele me falava. Pedi a ele algumas explicações e, como única resposta, entregou-me as obras de Allan Kardec. Ler as primeiras páginas e compreender que aquilo era grande, sublime, imenso, foi questão de um instante. Meu Deus! — exclamei — O que está acontecendo?

“Então eu, que tinha desistido de tudo, agora percebia que tudo é vida, que tudo é evolução, e que tudo é infinito! Admirado diante de tanta grandeza, tomei a decisão de ser Espírita de verdade, estudar o Espiritismo e empregar todas as minhas forças na propagação de uma doutrina que me devolveu à vida e me ensinou, tão claramente, a grandeza de Deus.”

CONHECENDO O ESPIRITISMO

Estudando a filosofia do Espiritismo nas obras de Allan Kardec, Miguel encontra a razão de seus sofrimentos e das dores da Humanidade. A doutrina da reencarnação e da lei de causa e efeito penetra em sua mente e em seu coração, devolvendo-lhe a fé e a esperança perdidas; a vida apresenta-se não como um encadeado de acontecimentos injustos, mas como um caminho de evolução permanente, onde cada um colhe o fruto de suas ações passadas e onde nunca existe fim ou última oportunidade. Nada morre; apenas o corpo desintegra-se quando é chegada a hora; porém a alma, o espírito, permanece, vive acima da matéria e torna a encarnar para continuar seu aprendizado, sua infinita evolução.

Deus é misericórdia, suas leis são justas; a verdade é inescrutável apenas para aqueles obstinados em permanecer em suas posições rígidas e imobilistas, aqueles que pensam que tudo gira ao seu redor, aqueles que vivem apenas para satisfazer seu próprio ego. Estas ideias ecoam em Miguel Vives, revigoram-no e devolvem sua vontade de viver e lutar, porque sua doença era causada pelo desespero dilacerante que o atormentava, ao não encontrar explicação lógica e raciocinada para o problema da morte.

Após alguns anos, já plenamente recuperado e seguindo conselhos de amigos, casou-se em segundas núpcias com uma mulher que partilhava suas mesmas crenças. Logo começou a receber em casa vários amigos que simpatizavam com suas ideias, e pouco depois começaram as reuniões de estudo e as sessões mediúnicas, aflorando nelas a mediunidade de Miguel.

O MÉDIUM

Em 1872 fundou, com o grupo de amigos que recebia em casa, um centro de estudos espíritas com o nome de Fraternidade Humana, do qual foi presidente durante trinta anos. Amália Domingo y Soler comparecia com frequência às reuniões de Tarrasa, do mesmo modo que Vives também comparecia às reuniões do Centro La Buena Nueva, de Gracia. Foi no centro de Tarrasa onde ele desenvolveu a maior parte da sua tarefa mediúnic; lembrando esses anos, escreveu:

“Eu não sou escritor, mas sou médium. Então, nunca poderei ter a pretensão de ter feito nada de bom sozinho. Se algum escrito meu merecer a aprovação dos meus irmãos, ele é vindo dos bons Espíritos que me ajudam. Mas tudo aquilo que aparecer como deficiente nos meus escritos, é vindo da minha inteligência.

“Para dar ideia da minha mediunidade, vou dizer o seguinte: fui médium de incorporação, semiconsciente, por um período de dez anos; em todo esse tempo, não houve reunião em que eu participasse onde não recebesse e dessa alguma comunicação, desfrutando de uma saúde bastante regular nesses dez anos. Depois disso, por causa de uma doença, impedido de frequentar as reuniões, eu tive de deixar a mediunidade por cerca de quatro meses, único período em que deixei de participar dos trabalhos, como médium ou como diretor de sessões, durante os trinta e dois anos em que sou espírita. E ainda hoje a minha inspiração é tão potente e tão clara que basta estar em uma sessão para eu me sentir inspirado e falar o tempo que for necessário. Como prova disso, vou contar o que aconteceu na véspera do Natal de um dos últimos anos.

“Eu tinha recebido, 25 anos atrás, uma comunicação muito extensa e expressiva, sobre um dos pastores que foram adorar o Messias no presépio de Belém. Essa comunicação causou grande impressão aos irmãos presentes no Centro Espírita de Tarrasa, naquela época. Dias antes do Natal a que me referi acima, um dos irmãos, que ainda se lembrava do caso, me falou da mensagem. Senti desejos de ter novamente aquela comunicação, e isso foi tudo que precisei para ser influído e começar a escrever. Em duas horas eu a obtive de novo, e tão igual, que aqueles que a tinham ouvido da primeira vez exclamaram admirados: ‘É idêntica! Não falta nenhum conceito, nenhum detalhe!’

“Conto isso para demonstrar o poder da mediunidade.”

O CURADOR

Miguel Vives era um homem muito estudioso; durante a doença dedicou-se, nos intervalos em que seus sofrimentos permitiam, a estudar medicina, mais especificamente os tratados do médico alemão Hahnemann¹, e realizou algumas curas com seu método denominado homeopático.

Ele nunca atribuiu a si mesmo o mérito daquelas curas, sempre falava que se ele curava era graças à intervenção dos Espíritos que o ajudavam, visto que em si mesmo não reconhecia os conhecimentos necessários para obter aqueles resultados tão positivos. Era tanta a proteção que o envolvia que muitas vezes os doentes ficavam curados antes mesmo de tomarem os remédios. Essas curas eram completamente inexplicáveis para aqueles que apenas vêem no homem um composto de células e elementos bioquímicos. Para eles era incompreensível e pouco científico um método de cura baseado em outras premissas diferentes daquelas que eles utilizavam, e que, além disso, dava tanta importância aos aspectos psíquicos e espirituais. Dada sua incapacidade para entender, eles escolheram o caminho mais confortável e desonesto, desacreditar o trabalho de Miguel, porque aquele rapaz sem qualificação não podia em modo algum ter sucesso onde eles só conseguiam fracassos. Em pouco tempo, Miguel tornou-se alvo das críticas de muitos médicos e dos elementos mais imobilistas da cidade, que não perdoavam a sua simplicidade e modéstia, diante da ostentação de que eles faziam gala.

Enquanto desenvolvia esse trabalho médico, dedicava-se também à propaganda do Espiritismo; era tanta a sua convicção, seu ardor e entusiasmo, que

¹ Hahnemann, Christian Friedrich Samuel (Meissen, 1755, Paris, 1843). Médico alemão, fundador da homeopatia. Praticou a medicina em diversas cidades, e em 1812 foi admitido como professor na Faculdade de Medicina da Universidade de Leipzig, onde ensinou suas teorias. Com motivo do falecimento de um de seus pacientes, a oposição às suas ideias obrigou-o a mudar-se (1821) para Kóthen, onde seus métodos terapêuticos começaram a adquirir prestígio, acrescentado durante o tempo que ele passou em Paris, onde exerceu como médico de 1835 até sua morte, conseguindo inúmeros adeptos.

Homeopatia: sistema médico e terapêutico pelo qual as enfermidades devem ser tratadas com remédios ministrados em concentrações muito diluídas, e cujos efeitos no homem são parecidos aos do processo patológico que se tenta combater. Apóia-se no critério de que as enfermidades são curadas ao serem destruídas por outras análogas e mais intensas. O sistema homeopático é baseado em dois princípios: a similitude e as doses mínimas.

Durante o século XIX a homeopatia atingiu notável difusão e considerável popularidade, hoje renovada, graças aos princípios gerais que é preciso acrescentar aos anteriores, tais como a preocupação pela dieta e o caráter individual da terapia homeopática (que se enlaça com as atuais tendências psicossomáticas), como também os aspectos espirituais e vitalistas da filosofia homeopática.

conquistava novas adesões a cada dia. Isto causou uma verdadeira revolução no seu ambiente e ódios implacáveis contra ele começaram a se manifestar: “(...) Minha cabeça tornou-se um vulcão de ideias em ebulição. Antes de ser espírita eu era incapaz de pronunciar uma pequena oração para uma dúzia de pessoas. Como espírita, adquiri tanta coragem e serenidade, que nada me impressionava e nem me impressiona mais.” Assim ele lembrava anos mais tarde aqueles inícios da sua tarefa pública.

Miguel Vives encontrou no Espiritismo não apenas uma filosofia capaz de responder todas suas questões; encontrou, e isso foi mais importante para ele, um caminho a seguir para sua evolução espiritual. Soube como ninguém intuir o ensinamento de seu admirado Allan Kardec, quando disse: “O objeto essencial do Espiritismo é o aprimoramento moral do homem”; sua vida foi um exemplo constante de abnegação e benevolência. Sua caridade para com os mais necessitados era conhecida por todos na cidade; periodicamente ele reunia os pobres e mendigos para almoçar em sua própria casa; até no dia do casamento de sua filha Micaela, ele convidou, junto com seus familiares e amigos, a um bom número de pessoas indigentes, que estimava como verdadeiros companheiros de peregrinação: “Vocês, mendigos idosos — dizia — são para mim como livros preciosos que guardam histórias interessantíssimas, e de vocês eu devo aprender a humildade para sofrer e a fé para esperar.”

Em 1882, por uma doença repentina, desencarnou seu filho de 9 anos, fruto das suas segundas núpcias. De novo sentiu o desalento e o desespero de anos atrás, porém desta vez soube contrapor a esses sentimentos as suas convicções profundas, porque já tinha adquirido a certeza de que a morte é apenas uma mudança de moradia, uma volta ao mundo dos espíritos, o abandono da veste de carne, mas nunca a cessação da vida, porque essa não tem fim e nunca terá; somente existe a evolução, contínua e permanente transformação das formas de vida que povoam o Universo. Ele sabia todas essas coisas não apenas pela via do conhecimento racional, mas por experiência; o desenvolvimento de sua mediunidade permitia a ele a percepção de estados e vivências desconhecidas para a maioria dos humanos. Ele descrevia assim esses estados:

“Há estados que o Espírito percebe no espaço, e que não é possível encontrar frases na linguagem humana para descrevê-los; há surpresas que apenas são sentidas e compreendidas em seu justo valor quando se têm recebido e entrado na posse daquele gozo inexplicável; e há sensações que apenas poderemos perceber quando nossos sentidos se tornarem mais lúcidos e conseguirmos nos despojar do grosseiro invólucro que nos envolve; agora apenas nos é dado entrever e apreciar na medida das nossas faculdades, mas apesar da nossa impossibilidade para conhecer em seu estado verdadeiro as felicidades da vida futura, elas constituem uma ótima prova da grandeza

de Deus, de seu poder e sabedoria, e uma grande recompensa para as nossas ações realizadas, recompensa que os habitantes desta terra de lágrimas e dores estão muito longe de pressentir.”

Em certa ocasião, abordando este mesmo assunto da vida no mundo espiritual, recebeu a seguinte comunicação de um Espírito que acabava de realizar a passagem deste mundo para o mundo invisível; nela, o Espírito descreve seu despertar no mundo fluídico, após romper os laços que o uniam ao corpo carnal. Esta descrição coincide em seus aspectos fundamentais com outras comunicações de Espíritos na mesma situação; em todas, eles nos contam que entes que amaram na Terra aparecem para recebê-los, explicam como suas percepções mudam notavelmente com a experiência de não estarem limitados aos cinco sentidos físicos do mundo tridimensional; mas vejamos a seguir o que o Espírito nos diz:

“Imaginem que vocês dormiram em uma cabana e, como se acordassem de um doce sono, se encontram no espaço infinito; no momento não percebem o que está acontecendo, maravilhados de tudo o que vêem; aos poucos vão recordando e reconhecendo seu estado; como se tivessem desenvolvido novas faculdades, vocês enxergam em longas distâncias, tão longas, que não conseguem apreciar o quanto; ao seu redor e de muito longe, parece que mundos de luz enviam seus raios como que dizendo venham a mim. Este fenômeno atrai vocês de toda a parte, sem que saibam para qual delas devem ir; no espaço entre vocês e esses mundos, desenvolvem-se inúmeros quadros de luz, de fluidos de cores diversas, e entre rostos e formas esbeltas de espíritos que parecem cumprimentar e parabenizar vocês; por perto estarão os entes que amaram vocês na Terra; eles acariciam, abraçam, beijam vocês, e parece que se fundem com vocês trazendo uma nova vida, um novo amor, um novo encanto: uma alegria desconhecida.

“Ainda confusos pela existência que acabaram de deixar, vocês estão perturbados pelas lembranças, mas então aqueles fenômenos renovam-se com maior intensidade, e os entes queridos fazem novo convite. Suas carícias são mais veementes, maior a sua solicitude, as cores, a luz e as belezas tomam novas formas; e então, após longo período, vocês ficam persuadidos de já ter deixado sua tarefa na vida dos mortos e ter entrado na vida dos vivos; por isso, em meio a tantas maravilhas, não perdem a Terra de vista, mas ela parece tão triste aos seus olhos! Os mares são como um imenso lago de lágrimas, a vegetação - um sudário eterno, as colinas - muralhas que cercam uma mansão de loucos, as grandes cidades - um montão de ruínas, os seres humanos - desterrados que gemem amarrados com férreas correntes, seu barulho - ensurdecador, seus cânticos e músicas - exalações de tristeza, suas artes - concebidas por inteligências pobres; sua indústria, seu comércio, seus passatempos e tratos - impiedosos. Esta impressão causa certa melancolia, que faz vocês apreciarem melhor a nova vida que os envolve e os impulsiona a se entregarem à vida que agora possuem”.

Sobre este relato recebido de um Espírito Miguel Vives realizou estas reflexões:

“O Espírito expressou-se assim, mas eu acho que essas são apenas as primeiras impressões de um Espírito feliz, as primeiras horas que podemos dizer passadas no mundo espiritual; mas quando o Espírito já tomou posse do seu estado, quando já está embalado pelo éter Universal e ao menor impulso de sua vontade pode se locomover em todas as direções e através de distâncias infinitas, percorre mundos e contempla maravilhas. Quantos prazeres! Quantas impressões! Que belos estudos da luz, do som e do Cosmos Universal!... Que combinações e que trabalhos feitos para se adquirir mais amor e mais sabedoria! Que belas formas e moldes tomarão, aos olhos dos espíritos, as maravilhas criadas!... E quanto prazer o espírito deve sentir quando consegue irradiar a grandes distâncias! Prazer inesperado de vários pontos ao mesmo tempo; enquanto recebe impressões sublimes da harmonia de milhares de mundos, de milhares de humanidades, de milhares de legiões de espíritos, envolto em um mar de luz de diversas e variadas cores formando crepúsculos para nós inconcebíveis, divisa mais evolução, mais perfeição e uma eterna sucessão de aprimoramentos até se transformar em um semideus, para enxergar sempre um além, em todos os sentidos, em todas as direções, e em qualquer impressão que possa receber esse espírito. Isto deve ser tão imenso que não tenho palavras para me expressar. Posso imaginar, posso entrever, porém na nossa linguagem não existem palavras. A pintura, a música, o amor de mãe, a convicção do herói, do mártir, são um ponto desse enorme todo; e começa a dar seus primeiros passos o espírito que chega a atingir seu progresso e sua perfeição.

“Devemos honrar o Espírito de Allan Kardec e segui-lo como estrela polar a nos guiar pelo embravecido mar da vida, pois ele nos conduz ao porto da salvação.”

ATIVIDADE SOCIAL

Miguel Vives desenvolveu intensa atividade social; ele tinha a convicção de que as provas que o Espiritismo traz sobre a realidade da vida, bem como a moral deduzida dessas provas, constituem a base de uma transformação na sociedade. Nos seus escritos e palestras ele exortava a pedir a todos os governos a instauração de cátedras para ensinar a filosofia espírita em todos os centros universitários; ele instava a divulgar a ciência do espírito nas oficinas, nos centros industriais, até nas choupanas dos pobres, atingindo as massas por meio da imprensa, de palestras públicas, de reuniões de toda espécie, onde fossem expostos os princípios básicos da doutrina dos Espíritos.

Na ordem política e judicial, considerava que os legisladores das gerações vindouras deviam levar ao exercício de suas funções o selo dos princípios espíritas. Mostrou verdadeira visão de futuro ao dizer: “É também um dever nestes tempos a instituição permanente de um tribunal de arbitragem internacional para solução de conflitos entre nações e a supressão gradual dos exércitos permanentes e das fronteiras políticas.”

Hoje, um século depois, vemos como suas instruções estão sendo cumpridas, porque, se bem os exércitos ainda permanecem, as fronteiras estão desaparecendo na maior parte da Europa Ocidental.

Mostrou sempre especial sensibilidade para com os reclusos, pensava que era necessário transformar as penitenciárias em institutos de moralização, considerar o culpado como um enfermo a quem é preciso curar e reabilitar. Em certa ocasião, fruto da tarefa que desenvolvia com os presidiários, e com motivo do V Congresso Espírita Internacional, recebeu a carta seguinte:

Sr. Miguel Vives:

Queridíssimo irmão. Ficamos gratos pelas suas exortações e sentimos imensa alegria sabendo da próxima celebração do Congresso Espírita Internacional. Sentimos muito não poder comparecer; mas visto que para nós é impossível, suplicamos a V. S. tenha a bondade de nos representar e dizer nesse congresso que estes trinta e dois indivíduos, que foram criminosos, estão hoje arrependidos, perdoam seus inimigos e desejam voltar à vida livre para mostrar a mudança operada neles pelo Espiritismo.

Hoje somente pensamos na nossa reforma moral e na reforma moral da Humanidade.

Trinta e dois penados cumprimentam V. S. e desejam-lhe a proteção de Deus.

DIVULGANDO O ESPIRITISMO

Participou ativamente na divulgação do Espiritismo através de diferentes meios, como jornais e federações. Em 1882 fundou a Federación Espiritista del Vallés, que agrupava associações e centros espíritas desta região barcelonesa; desde 1885 até 1889 dirigiu *El Faro Espiritista*, órgão da Federación; da Federación Espiritista del Vallés surgiu então a Federación Catalana, e seu órgão foi a antiga *Revista de Estudios Psicológicos*, de Barcelona, até ser criado o *Boletim da Federação*.

Teve também uma participação ativa nos Congressos Internacionais de Espiritismo de 1888 em Barcelona e de 1889 em Paris. No Congresso de Barcelona, que foi o primeiro, ele fazia parte da comissão organizadora e era vice-presidente. Nesse Congresso compareceram representantes de sociedades espíritas da França, Itália, Estados Unidos, América do Sul, Bélgica, etc. No ano seguinte houve um novo Congresso Internacional em Paris; Miguel compareceu também, junto com outros destacados espíritas espanhóis. Em Paris, além das delegações europeias e americanas, compareceram outras da Índia, do Egito e até da Austrália.

Após todos estes eventos, em maio de 1891 ele mudou sua residência para Barcelona, para ver de melhorar sua saúde alquebrada; dali a pouco tempo, em janeiro de 1892, foi eleito Presidente do Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos. Em Barcelona sua atividade não foi menor, apesar do seu estado de saúde; continuou participando ativamente em atos e palestras; sua energia, suas ideias, sua força de vontade não eram provenientes do seu organismo enfraquecido; ele podia sobrepor-se ao corpo e manifestar as forças que sentia, as potências de uma alma que irradia a convicção, a fé, o amor que sente e espalha com suas ações. Essa era a sua força, uma força cativante para todos aqueles que o ouviam. Porém, em Barcelona suas palestras tinham uma nuance diferente de quando estava no seu Centro de Tarrasa. Este fato foi observado por um jornalista admirador seu, que descreveu o fato:

“Tenho observado um verdadeiro fenômeno: desde que ele mora em Barcelona, suas palestras não têm mais aquele gosto especial, aquele dulcíssimo sentimento que, apoderando-se do auditório, levava seus ouvintes até as portas das gloriosas celestes

idades onde os justos recebem o prêmio das suas boas ações.

“Em Barcelona seus discursos possuem mais verdades do que palavras, porém essas mesmas verdades têm um gosto amargo, a realidade da vida impressiona-o tão dolorosamente, que esse médium inspiradíssimo, médium protegido por elevados espíritos, fica contagiado da epidemia do realismo humano, e chora sobre as misérias da humanidade, não com tristeza, não com amargura, não com desalento, muito pelo contrário, lamenta-se com energia, apostrofa com coragem os fracos pela sua escassa fé, censura clamorosamente a nossa falta de caridade”.

Apesar da mudança de residência, sua saúde não melhorou substancialmente, e no dia 23 de janeiro de 1906 deixou este mundo. Recebeu uma carinhosa despedida de um povo que o amava realmente. Uma multidão estendia-se em torno à comitiva fúnebre, muitas fábricas e oficinas fecharam as portas para que seus empregados pudessem dar um último adeus a um homem que admiravam pelas suas inegáveis virtudes. Após o carro fúnebre ia uma banda de música. A comitiva formava um cordão compacto de mais de cinco mil pessoas. O cemitério civil, o caminho de acesso, e as partes altas dos muros estavam invadidos, e a passagem do corpo demorou mais de uma hora. Assim foi a despedida de seus concidadãos a um homem, um médium, um espírita que era conhecido com o apelido de “O Apóstolo do Bem”.

GUIA PRÁTICO DO ESPÍRITA

Miguel Vives escreveu apenas um livro, *Guía práctica del espiritista* (1903).² É um livro eminentemente prático, como o próprio nome indica, no qual o autor divide a existência humana em campos concretos de vivência: Deus, o Evangelho ou atuação com a família, os centros espíritas, etc. Em cada um desses terrenos oferece alguns conselhos úteis para afrontar e sair airoso das diversas vicissitudes que o espírito atravessa na sua passagem pela Terra. A validade e o mérito desses conselhos residem em serem tirados das suas próprias experiências e ele ter comprovado em si mesmo seus resultados positivos.

A seguir, uma seleção de frases e parágrafos significativos de alguns capítulos desse livro, os quais definem não só suas ideias, como também sua própria vida, seu próprio ser:

*“Para atingir o grau de moralidade que precisa, com a finalidade de cumprir bem sua missão, ter paz na Terra e conseguir certa felicidade no espaço, o espírita deve cumprir a lei divina. E onde está essa lei? No Evangelho do Senhor. Portanto, o espírita deve saber de cor sua parte moral, tanto quanto for possível. Porque senão, como ele poderia aplicar a lei, sem conhecê-la? Como ele poderia usá-la, se não se lembra dela? (Cap. II, **O Espírita diante do Evangelho**).*

“Primeiro atuar, depois falar. A não ser que a necessidade e as circunstâncias nos obrigassem a primeiro falar. Quando seja preciso fazer assim, devemos ser muito prudentes e humildes, dando prova de boa educação. Mas, sempre que for possível, devemos primeiro atuar. É melhor sermos conhecidos antes pelas nossas ações do que pelas nossas palavras. Assim, quando chegar a nossa hora de falar, seremos ouvidos com maior respeito e seremos atendidos. Evitemos entrar na propaganda das nossas ideias, aguardando a ocasião oportuna. Começemos então por demonstrar o que é a moral do Espiritismo, quais as suas tendências e seus fins, ou seja, tornar os homens melhores, conquistar a paz para a Humanidade e revelar um futuro mais feliz do que aquele que nos espera na Terra. Somente devemos entrar na explicação dos fenômenos espíritas quando as pessoas para as quais estamos falando já tiverem aceitado a moral, compreendendo um pouco da sua sublimidade. Nos casos onde seja possível falar sobre os fenômenos, devemos explicar aqueles que possam ser mais bem compreendidos,

² Obra traduzida por Herculano Pires com o título *O Tesouro dos Espíritas* pela editora EDICEL.

segundo o alcance dos nossos ouvintes.

“Quem desejar aliviar ou curar a Humanidade doente, mesmo no âmbito de suas relações particulares, deve observar uma vida de santidade. Convém chamá-la assim, para diferenciar melhor aquele que a praticar, muito mais se o espírita que cura não tiver conhecimentos, médicos ou de outras ciências, que o autorizarem para tanto. Aqueles, porém, que somente o fizerem por amor à Humanidade, devem se despojar de tudo aquilo que possa embaçar o brilho de seus espíritos, para que seu perispírito e seu corpo possam transmitir os bons fluidos. De modo que precisam aplicar, constantemente, a máxima seguinte: ‘Se quiseres curar os outros, cura primeiro teu corpo e tua alma, pois do contrário, como curarás os outros, se tu mesmo estás doente?’ (Cap. IV, “O Espírita e a Humanidade”).

“Assim como é muito difícil encontrar na Terra alguém que está sempre em perfeito estado de saúde física, mais difícil ainda é encontrar alguém com perfeita saúde moral. Ninguém é perfeito nesse mundo. Assim como a atmosfera e as condições materiais influem diretamente no nosso organismo, deixando-o predisposto a certas enfermidades, os elementos espirituais que nos cercam influem sobre a nossa condição moral. Aproveitam-se das coisas mais insignificantes para nos provocarem sofrimentos e mal-estar interior, com o objetivo de nos mortificar ou nos deter no caminho da evolução.

“Os elementos espirituais que nos cercam infiltram-se constantemente no nosso psiquismo, do mesmo modo que os elementos atmosféricos no que diz respeito ao nosso corpo. E criam ao redor de nós condições propícias para o desenvolvimento de enfermidades, se não estivermos aptos para rejeitá-las. Então, devemos estar prevenidos, para afugentar essas influências. Porém, do mesmo modo que, mesmo com as maiores precauções, não poderemos afastar completamente as influências do frio e do calor em suas bruscas variações, também não poderemos evitar completamente as tentações. Mas o que podemos fazer é não cair em suas redes. Aqui devemos colocar toda nossa atenção, todo nosso cuidado, mesmo à custa dos maiores sacrifícios.

“O que poderemos fazer com os elementos atmosféricos? No inverno, nos agasalharmos bem, e no verão aliviarmos as roupas e procurar lugares frescos. Porém, se com isso não evitamos as moléstias do clima, devemos nos conformar e não dar importância a elas. Sofreremos resignadamente e procuraremos suportar no possível, dizendo: ‘isso é o frio’, ou então, ‘o calor é assim mesmo’, e concluiremos: ‘logo vai passar’, sem nos incomodarmos mais. Da mesma forma devemos fazer com as tentações. Porque constituem um mal que atinge a todos, não existe ninguém que deixe de sofrê-las. Quase poderíamos dizer: é uma condição necessária. E, quase nos atreveríamos a afirmar, é indispensável à nossa evolução”. (Cap. IX, “Enfrentando as tentações”).

“Se juntássemos as riquezas de toda a aristocracia do mundo, nada seriam se comparadas com as do nosso Pai. E todas elas foram criadas para nós, seus filhos, que as receberemos em propriedade e as desfrutaremos eternamente. Os reis vestem seus príncipes com ouro e pedras preciosas, porém nosso Pai nos vestirá de luz imortal. Os reis dão a seus príncipes carruagens fastuosas, para viajar através dos seus reinos. E o Pai nos dará asas e meios etéreos, para viajarmos com a rapidez do pensamento, sem

encontrar obstáculos. Os reis desejam dar a seus príncipes todas as formas de felicidade, mas não podem evitar as doenças e os incômodos, que irremediavelmente acompanham a matéria. Nosso Pai nos dará uma condição onde não haverá doenças nem incômodos. Os reis não podem evitar o cansaço, o sono, o frio ou o calor para seus filhos. Nosso Pai nos dará uma vida onde nós não precisaremos dormir, onde não sentiremos cansaço, onde jamais sentiremos frio ou calor.

“Ah, meus irmãos, como é grande aquilo que nos aguarda! Tudo isso, porém, em troca do cumprimento das leis divinas, não por capricho. Por ato de justiça e por necessidade, pois sem a lei a ordem não existiria, sem ordem não haveria harmonia e sem ordem e harmonia, não existiria a felicidade. Então, para todos sermos felizes, é preciso o ajustamento à lei, à ordem e à harmonia.” (Cap. X, “O tesouro dos espíritos”).

SEGUNDA PARTE



Allan Kardec

foi a encarnação do bom senso.

Miguel Vives

foi a encarnação da bondade e da fé.

AS FESTAS EM HOMENAGEM A ALLAN KARDEC E MIGUEL VIVES EM TERRASSA

Uma animação incomum reinava fazia algumas semanas nos Centros espíritas da cidade: assinaturas por um lado, listas por outro, a proximidade de um grande dia era perceptível em todos os atos; todas as conversas giravam em torno do mesmo objeto; os nomes de Kardec, Vives, Terrassa, saíam de todas as bocas como anúncio de algo grande, majestoso; algo, enfim, de tamanha importância que parecia a suprema aspiração daqueles seres que, ao dizer seus nomes, o faziam comovidos e cheios de entusiasmo.

Do que se tratava? O que fez com que os Centros Espíritas, que pareciam atravessar uma crise de decadência moral e material, se animassem ao recordar aqueles dias de outrora quando eventos públicos e importantes eram celebrados sem interrupção? Por quê, apesar da tremenda crise econômica por que atravessa o proletariado espanhol, famílias de trabalhadores economizavam centavos para conseguir uma certa quantia de dinheiro, que se para aqueles que não precisam

trabalhar para viver não representava nada, era muito para aqueles que com o produto do seu trabalho, quando eles o têm, são forçados a cobrir as necessidades da família?

A resposta é simples, poucas palavras irão responder. Era o segundo aniversário do desencarne do Apóstolo do Bem, de Miguel Vives, do homem que, se de Kardec dizia-se que representava o bom senso corporificado, dele deve ser dito que era bondade e amor personificados; foi, de fato, a repetição das festividades que com esse motivo e dedicadas a Kardec e Vives foram comemoradas no ano passado.

Nossos leitores já conhecem o programa dessas celebrações e, à medida em que forem lendo esta pequena resenha, irão vendo como elas se desenvolveram, com as leves variações que sobre o terreno foi necessário fazer.

Há cerca de um mês, o coral Barcanona estava ensaiando o *“Hino Espírita”*, de Pallol y Hurtado, e o *“Hino ao Progresso”*, mais conhecido como *“Marselhesa espírita”*. Os membros daquele coro, apesar de a maioria não serem espíritas, concordaram em pagar do próprio bolso as despesas que a viagem e a estadia de dois dias em Terrassa iria causar, porque sabendo o fim filantrópico da festa, eles não queriam que, por ter sido dada a eles, faltasse alguma coisa aos pobres.

Quando ficaram completadas as listas daqueles que queriam ir passar os dois dias em Terrassa, pediram e conseguiram da Companhia Ferroviária do Norte da Espanha, que no primeiro trem da manhã no domingo houvesse dois vagões preparados especialmente para os nossos expedicionários, sendo tantos os irmãos que compareceram, que, não sendo suficientes aqueles dois vagões, e com todos os outros vagões já repletos, foi preciso esperar a formação de um trem especial, e mesmo assim, algumas pessoas só puderam sair em um terceiro trem, em vez de no primeiro.

O número de pessoas cadastradas nas listas era muito superior ao do ano passado, desde que excedia de 120, enquanto na festa anterior só houve 102, dos quais cerca de 50 eram do Centro La Esperanza de San Martín, sendo que neste ano não compareceu nenhum irmão do referido Centro, tendo que dividir o total de expedicionários entre o Círculo As Boas Novas e os que frequentam as instalações da Liga Espírita Espanhola. Comparando esses números com os do ano próximo passado, observa-se um aumento notável no entusiasmo entre as fileiras espíritas, porque não havendo os meios financeiros com que se contava no ano passado, a comissão de propaganda da Liga, responsável pela organização das festividades, concordou em aumentar até dez reais, em vez de seis, a quantia a pagar pelas refeições dos dois dias.



(Ao pé da foto: Grupo de mulheres preparando comida)

EM TERRASSA NA SEMANA ANTERIOR

Se o entusiasmo e a animação reinavam em Barcelona, em Terrassa acontecia a mesma coisa. Desde os primeiros dias da semana anterior, tudo era um ir e vir no Centro da dita população; os irmãos de lá, que pareciam ter herdado do grande Vives o entusiasmo e a energia, trabalharam sem descanso, até o grande salão de que dispõem ficar transformado em um imensa sala de jantar, na qual, em seis longas mesas, havia 450 jogos de talheres e louça, colocados em branquíssimas toalhas de mesa, produzindo um grande efeito sobre aqueles que estavam entrando nas instalações pela primeira vez naqueles dias. Especialmente na sexta e no sábado, o espaço parecia um arsenal; na sexta-feira, vários irmãos tinham acabado de dar um último toque nas mesas, feitas, como seria de se esperar, de tábuas e cavaletes soltos, deixando-as prontas para receberem as toalhas e louças de mesa sem receio de que qualquer coisa se quebrasse. Outros armaram na galeria externa um tipo de barraca, para que aqueles irmãos que no dia do banquete deviam estar ocupados naquele lugar, não sofressem com o sol que nessa hora bate fortemente ali.

No sábado começou o trabalho de arranjo das mesas, colocando nelas todas as louças necessárias até deixar em seus lugares perto de 450 jogos de talheres. Neste trabalho e na colocação das cadeiras e outros detalhes passou-se a manhã, ficando tudo pronto nas primeiras horas da tarde. Então a porta da rua se abriu e começou um interminável desfile de pessoas, ansiosas para ver os preparativos do banquete monstro que devia ser dado no dia seguinte.

Uma atmosfera de alegria encheu toda aquela enorme sala naquela tarde; centenas foram as pessoas que desfilaram por ali, e todos louvavam os organizadores da festa que tão bem sintetizava o modo de ser daqueles a quem era dirigida. Os retratos de Jesus, Kardec e Vives tinham sido colocados acima do lugar que usualmente é ocupado pela mesa presidencial; pareciam querer presidir aquela festa que resumia os ideais a cuja propaganda tinham dedicado tudo quanto eram e valiam.

Embaixo, na casa dos irmãos Bendranas, foi grande também a movimentação,

especialmente nos primeiros e últimos dias da semana.

No domingo anterior ainda havia cerca de 150 vales a serem entregues, já que, por conta das medidas rigorosas tomadas pelo Município contra a mendicância, a notícia não chegou aos ouvidos de muitas pessoas carentes até muitos dias depois de ter sido tornada pública; mas quando ficaram sabendo, era tanto o medo que eles tinham de ficar sem vale, que, se distribuir os primeiros 160 levou três semanas, para distribuir os últimos 150 dois dias foram suficientes, já que na noite de terça-feira não restava nem um só. Passaram quarta, quinta e sexta-feira com relativa tranquilidade; mas no sábado, aquelas salas, normalmente sempre silenciosas, foram adquirindo uma extraordinária animação. Carnes, batatas, laranjas, vinho, tomates e uma infinidade de outros comestíveis iam enchendo as salas destinadas a servir de armazém, ficando vários dos irmãos como responsáveis do acondicionamento de tanta vianda, para que o calor reinante não estragasse o bom estado daqueles alimentos. Enormes feixes de lenha foram trazidos para o belo jardim e colocados em local conveniente para poder acender os fogões necessários quando fosse preciso, enquanto brilhantes caldeirões eram colocados ao lado, prontos para admitir em seus bojós a maioria daquelas viandas, para extrair delas o substancioso suco com o qual formar o saborosíssimo caldo que devia fazer as delícias daqueles pobres seres a quem os espíritas, cumprindo o mais sacrossanto dos deveres, queriam atender.

Nas primeiras horas da tarde, começou a se espalhar um delicioso cheiro de carne assada que fez com que algumas pessoas pobres sentissem que havia iguarias que elas desfrutariam no dia seguinte, enchendo seus estômagos famintos com aquela carne que cheirava tão bem. Era que as cozinheiras, aquelas irmãs que se ofereceram para fazer esse trabalho, sob a direção de nossa boa amiga Antonia Benages, começaram a assar a ótima carne de cordeiro, que este ano substituiu a carne de bezerro, com grande vantagem e satisfação de todos, dando ocasião ao fato de que, sendo o seu preço bem mais barato, permitia convidar muito mais pessoas pobres.



(Ao pé da foto: Grupo de mulheres preparando as mesas)

Exclamações de espanto vieram dos lábios dos privilegiados que podiam contemplar aquelas enormes pilhas de carne e outros comestíveis, já que não era possível permitir que o enorme público que desfilava pelo imenso salão descesse para ver.

Às 6 horas da tarde nosso diretor chegou com seu filho Jacinto, para finalizar os detalhes dos diferentes atos que deveriam ser celebrados no dia seguinte. Um pouco mais tarde vieram nossos irmãos Desidério Martínez e outros que não lembramos neste momento.

Eram 11 horas da noite quando as pessoas ali presentes se retiraram para descansar, desejando que chegasse o dia seguinte, em que tantas emoções de alegria e gratidão estavam reservadas.

O PRIMEIRO DIA

A viagem para Terrassa

Desde as primeiras horas da manhã as plataformas da Estação do Norte ou de Zaragoza começaram a se encher. Entre os numerosos grupos notava-se um que estava engrossando a cada momento e cujos indivíduos tinham seus olhares fixos em dois carros do trem que logo ia sair para Terrassa. No meio da azáfama que sempre precede a partida de um trem, havia uma ordem e um comportamento correto que chamava a atenção. Eram os espíritas de Barcelona, que de coração feliz partiam para a antiga Egara, onde renderiam um tributo de amor à memória de dois homens, os quais, no dia em que a humanidade considerar seus indivíduos apenas por suas virtudes, serão tidos por dois seres cujas façanhas irão torná-los inesquecíveis.

Cerca de 126 eram os irmãos que tiveram que sair naquele trem por esse motivo, mas alguns foram forçados a esperar pelo próximo, já que por conta das festividades daquele dia que eram comemoradas em Brúch, apenas cabia nele menos da metade daqueles que queriam entrar. No entanto, e graças à precaução tomada pela Comissão organizadora de pedir para a empresa ferroviária que reservasse dois vagões do trem para os espíritas que deviam partir para lá, foram cerca de 95 ou 100 irmãos aqueles que conseguiram partir naquele trem, partindo os restantes no especial que, na sequência foi formado pela Companhia e também no trem que parte às oito.

Ao longo do caminho, prevaleceu a maior cordialidade entre os expedicionários, que não cessaram de fazer cálculos e suposições sobre o maior ou menor sucesso que as festividades poderiam ter, as quais iriam começar com a chegada deles a Terrassa; mas de acordo com o que nos disseram mais tarde, a realidade foi muito melhor do que suas esperanças mais lisonjeiras.

Os indivíduos do coro "Barcanona" cantaram algumas das peças de seu repertório misturando as notas viris de "*A Marselhesa espírita*" com "*Las Flors de Maig*", de Clavé e outras composições do grande músico catalão.

À medida em que o trem, arrastado por duas máquinas poderosas, devorava o espaço entre Barcelona e Terrassa, o entusiasmo crescia; cabeças juvenis

espreitavam para fora das janelas, procurando com olhos ansiosos qualquer indício da proximidade da cidade industrial que iria alojá-los por dois dias. As estações passavam e a cada uma delas a alegria aumentava, atingindo seu máximo quando, uma vez passados o Apeadeiro e a Estação Sabadell, o trem, aproveitando as grandes retas oferecidas pela linha entre essa estação e a seguinte, lançou-se a grande velocidade; a bela paisagem das campinas que se estendem em ambos os lados da via férrea desaparecia rapidamente, enquanto os poucos lavradores que trabalhavam nos campos acenavam com seus chapéus a este titã de ferro, que qual vivente criação do que é o Espiritismo, ia avançando e avançando sem que ninguém conseguisse detê-lo; rios, montanhas, tudo era atravessado, sem nenhum obstáculo para se opor à sua passagem.

De repente, uma exclamação, um grito veio do peito daqueles jovens: Terrassa! E o trem acionando seus poderosos freios, obedecendo docilmente à mão experiente do maquinista, foi diminuindo a marcha até ficar detido ao lado das plataformas.



(Ao pé da foto: Chegada dos expedicionários à estação de Terrassa)

Em Terrassa - Manifestação improvisada

Quando o trem chegou à estação, a plataforma apresentava uma aparência bem animada; um bom número de irmãos já estava lá esperando os expedicionários de Barcelona, e duas comissões das duas Sociedades Coral Juventud Tarrasense e Los Amigos se juntaram a eles, com suas bandeiras, os quais, ao saber que o coro «Barcanona» ia a Terrassa, escreveram-lhe que estariam ali para recebê-los e os

acompanhariam nos atos em que participassem.

Ao sair do trem, nossos irmãos foram calorosamente recebidos por aqueles que ali esperavam por eles, improvisando-se imediatamente e sem prévio aviso, uma manifestação que, com as bandeiras das três sociedades corais à frente, iam para o local do Centro La Fraternidad Humana, onde eram esperados por numeroso público, formado por aqueles que estavam trabalhando lá durante os toques finais no arranjo da sala, e para aqueles que tinham comparecido, ansiosos para presenciar este arranjo.

Belo espetáculo realmente era o apresentado pelo salão quando os manifestantes chegaram. Logo eles foram se espalhando pelo belo jardim dos irmãos Bendranas, que logo assemelhava um grande formigueiro por causa das numerosíssimas pessoas que circulavam por ele. Logo cada um encontrou suas afinidades e todos formaram grupos cujas conversações giravam em torno de dois pontos principais: a manifestação que ia acontecer, e quem foi Vives.

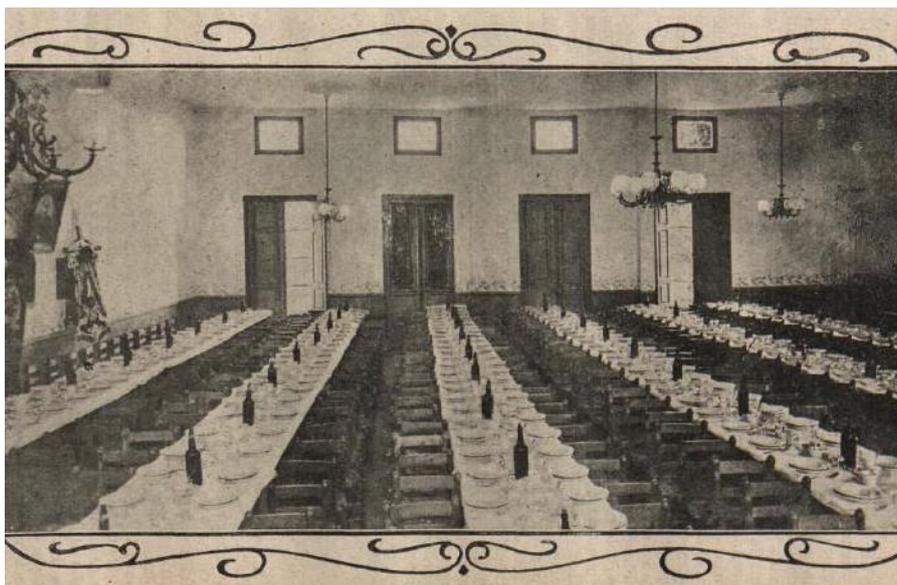
Ainda não tinha passado nem uma hora da chegada daqueles que vieram no primeiro trem, quando entravam nas instalações os que chegavam no trem especial que precisou ser formado em Barcelona. Com eles vinha também o nosso querido irmão D. Jaime Anglés, ex-deputado em Cortes e veterano espírita, cuja ausência naquela festa todos lamentavam, pois acreditava-se que, dado a significação política desse nosso irmão, ele tinha-se visto forçado a ir para Reus, onde o partido republicano radical espanhol estava celebrando um ato de homenagem ao distinto general Prim que tantas liberdades conquistou para a Espanha. Felizmente, esse não foi o caso, e nosso querido amigo pôde participar das festividades de Terrassa, colaborando com sua inestimável presença para o maior esplendor delas.

A manifestação

Às nove horas da manhã a demonstração começou a ser organizada, indo em primeiro lugar um carro com uma belíssima coroa de flores naturais; seguia após uma banda de música, e a ela os estandartes dos três coros acompanhados pelos indivíduos pertencentes aos mesmos, e depois a presidência da manifestação, formada por D. Jaime Anglés, D. Jacinto Esteva Marata, D. Santiago Durán e D. Alberto Andreu, seguindo-lhes toda a manifestação em bloco, formando um total de cerca de 600 pessoas, que percorreram as principais ruas de Terrassa em uma justa homenagem ao conhecimento e à virtude.

Na praça que ficava antes da entrada do Cemitério, havia 400 ou 500 pessoas esperando a chegada dos manifestantes para entrar com eles dentro do recinto do cemitério livre e escutar melhor e mais confortavelmente aqueles que deviam palestrar ali.

Logo aquele recinto ficou lotado, e uma vez que a coroa foi colocada e o silêncio obtido, a senhorita Emília de la Cueva leu com magnífica entoação uma poesia muito bonita que nossa venerável irmã Amália dedicou àquele que na Terra fora seu melhor amigo, o qual mais tarde os nossos leitores irão ter a oportunidade de ler. Logo após, veio a menina Conchita Vilaplana, que com aquele sentimento inato nela recitou outra linda poesia dedicada ao professor Vives. Em seguida, foi o nosso diretor quem falou, e, depois de algumas frases curtas à memória do Apóstolo do Bem, convidou os presentes para o sarau, que no dia seguinte à tarde seria realizado no Centro La Fraternidad Humana, onde, se o tempo assim o permitisse, seria feita uma breve exposição do que é o Espiritismo, para que eles conhecessem a doutrina que fez Vives derramar tanto bem. Finalmente, e encerrando com o seu, a série de discursos que deviam ser pronunciados, o Sr. Anglés falou. Em sua palestra, ele destacou especialmente que, embora tenha se afastado da vida ativa do Espiritismo, nem por isso renegou de suas crenças, porque sempre foram elas que traçaram a linha de conduta que ele devia seguir.



(Ao pé da foto: Aspecto geral da sala de jantar)

Dedicou sentidas frases à memória daquele que na Terra fora para ele amigo e professor ao mesmo tempo, e terminou afirmando que, não sendo aquele o lugar apropriado para proferir um verdadeiro discurso, reservava-se para falar mais extensivamente no ato do dia seguinte à tarde. Quando o Sr. Anglés terminou, foi efusivamente parabenizado por todos os presentes, tanto pelo seu discurso quanto porque todas as pessoas ali presentes entendiam que com esse ato ele voltava para a vida ativa do Espiritismo.

Após os discursos e em meio a um silêncio que impressionava, os três coros cantaram com grande afeto e recolhimento o belo hino do imortal Clavé "*Gratidão*",

acompanhados pela banda, e uma vez terminado este, o não menos belo “*Salud als Cantors*”, que lhes rendeu sinceras demonstrações de afeto e carinho, pois, por respeito ao lugar onde estávamos, os aplausos foram suprimidos.

Quando as manifestações silenciaram, com satisfação geral, o presidente da Liga Espírita Espanhola, nosso diretor, disse que a entidade agradecia o valioso auxílio dado pela sociedade coral “Barcanona”, a través de uma pequena amostra de afeto que ele implorou aceitassem: uma bela fita de seda, com uma sentida dedicatória bordada em letras vermelhas. Essa fita foi colocada no estandarte pela senhorita Emília de la Cueva.

Para cumprir rigorosamente o programa, a demonstração deveria ser dissolvida nesse ponto; mas, a pedido dos coros, ela se reorganizou novamente e, desandando o caminho, seguimos em direção ao Centro, onde chegamos às doze e quinze.

O almoço

Às 11 horas os pobres começaram a chegar, mas só foi permitido a eles entrar no local às 12h30, sendo as mesas rapidamente ocupadas; mas depois, observando que muitos pobres que não tinham um vale foram deixados de fora, foi permitido a eles entrar no local, e em pouco eram cerca de 400 os pobres sentados ali.

Tudo aquilo relacionado ao serviço já estava organizado, com um chefe de mesa e oito servidores para cada uma. Os irmãos Tortosa, Vila, Latorre, Montalván, Andreu e Esteva (filho) eram os chefes de mesa; cada um deles também tinha ao seu comando dois outros irmãos, que eram os que iam abastecendo a mesa com pão e vinho, sendo encarregados também de trazer do jardim as travessas que continham o ensopado, o prato principal e as sobremesas.

Havia também mais dois irmãos, encarregados de nunca faltar pão nas mesas atendidas por eles, e mais três ou quatro que tinham a mesma responsabilidade para o vinho. Se a isto acrescentamos cerca de 30 irmãos que, no jardim, também realizavam a missão que lhes foi encomendada, dá um total de umas 100 a 110 pessoas, encarregadas do serviço do banquete, assumindo a direção geral daquele serviço -- o nosso diretor, o senhor Esteva.

Ainda faltavam bastantes minutos para ser uma hora da tarde, quando obedecendo a um determinado sinal, as primeiras terrinas começaram a aparecer pelas mesas e, ao segundo sinal (um assobio), cada servidor portando uma terrina e em meio à alegria de todos os pobres reunidos ali, começaram a servir a succulenta macarronada, que fez lançar exclamações de alegria daqueles pobres seres que, segundo eles mesmos confessaram, muitos nunca tinham comido qualquer prato de macarrão que se parecesse com aquele. Na sequencia foi servido um ensopado

abundante, que foi recebido como um maná pelos pobres, e como último prato foi servida a carne com batatas assadas. Tudo isso com grande abundância, sem que nem a um só pobre sequer fosse preciso fazer a menor advertência sobre como se comportar na mesa.



(Ao pé da foto: Entrada ao Cemitério)

Depois de comer a carne, os pratos foram retirados e foi distribuída uma laranja para cada um e, finalmente, dois pedaços de doce, que constituía a sobremesa, que em nada fez desmerecer do resto do cardápio.

Finalmente, e com isso era terminado o banquete, serviram uma xícara de bom café e um charuto aos homens.

O banquete dos pobres terminara e estes, com lágrimas nos olhos, iam saindo e agradeciam aos organizadores da festa, pois pelo menos uma vez haviam comido como pessoas e tinham sido tratados como tais.

Ao sair, todos falavam: "Até o ano próximo, até o ano que vem". Alguns, poucos, perguntaram se, além daquele, não iria ser celebrado qualquer outro ato do mesmo tipo; e ao responder que não era possível, por causa da grande despesa que cada festival representa, eles falavam: Que pena! Ninguém, ninguém se não são vocês, faz festas como estas para os pobres!

Eram 4 horas da tarde quando aqueles infelizes acabaram de comer; quase três horas haviam permanecido na mesa, sem que houvesse ninguém que pudesse apenas dizer: pedi mais de tal coisa e ela não me foi dada.

Com as instalações já vazias, os utensílios foram trocados, e logo as mesas estavam prontas novamente para receber cerca de 300 comensais, constituídos por aqueles que serviam aos pobres e por muitos outros irmãos que não puderam almoçar no primeiro turno porque não cabia ninguém mais nas mesas. Todos estes

foram servidos por cerca de 30 ou 40 amigos que tinham almoçado com os pobres.

Na maior alegria passou-se uma hora, após a qual, tendo terminado de almoçar, os que se sentavam à mesa levantaram-se e começaram a desembaraçar as mesas e a recolher as toalhas, deixando as tábuas à vista; depois, das seis longas mesas, três foram desmontadas, visto não precisarem mais servir.

O sarau familiar – À noite

Aqui foi preciso introduzir outra pequena modificação no programa. Consistia em transferir para a tarde o sarau que deveria ocorrer à noite, pois era o caso de que as duas sociedades corais de Terrassa, que já haviam participado da manifestação pela manhã, estavam dando naquela noite, em homenagem à Sociedade coral "Barcanona", um concerto para o qual estavam convidados todos os espíritas que tinham ido ao cemitério de manhã, tendo combinado que uma importante comissão deveria assistir ao ato.

Nesta noite participaram: Cosme Vila (pai), Cosme Vila (filho), Luis Janer, Armengol Farras, Santiago Duran e as irmãs Juanita Piñol, Conchita López, Josefina López e Conchita Vilaplana.

Todos em seus discursos e poemas elogiaram Kardec e Vives, demonstrando o grande amor que inspiravam neles esses grandes seres.

Grandes aplausos coroaram o fim dos discursos de nossos irmãos.

Uma vez que os discursos terminaram, nosso diretor propôs que uma calorosa felicitação fosse enviada à nossa boa Soeur Esperance, que com suas doações contribuiu grandemente para poder realizar esta homenagem a dois seres como Kardec e Vives que ela tanto tinha amado. Uma tempestade de aplausos acolheu as últimas palavras do nosso diretor, dando um voto afirmativo àquele pedido.

Pedi também uma salva de palmas para o generoso doador das 600 pesetas que aparecem na assinatura, que compareceu à refeição dos pobres, tendo comido com eles, juntamente com o Sr. Anglés, Duran, Fornaguera, Carbonell e vários outros cujos nomes sentimos muito não lembrar, e antes de sair, como alguém falou que poderia haver falta de comida para o dia seguinte, ele respondeu: "Que nada falte a ninguém; se precisarem de dinheiro, ele não faltará; o importante é que todo mundo possa comer». Pedi outra salva de aplausos para D. Amália Domingo Soler, cuja velhice a privou de assistir a este ato, associando-se, no entanto, a ele enviando dois belíssimos poemas. Pedi também uma salva de aplausos para os senhores Bendranas, verdadeiros heróis da festa, pois sem a ajuda deles, colocando as suas casas e jardins à disposição de todos, não seria possível realizar esses importantes atos; e estender esses aplausos àqueles que, de um modo ou de outro, trabalharam na instalação e serviço das mesas.



(Ao pé da foto: A manifestação ao por uma das principais ruas da cidade de Tarransa)

Tempestades de aplausos acolhiam suas palavras no final de cada parágrafo, o que demonstrava claramente o entusiasmo reinante no local.

Quando o sarau estava chegando ao fim, o irmão Farras pediu a palavra, e dirigindo-se aos que ali estavam falou: "Vocês acabaram de aplaudir todos aqueles que foram apresentados como merecedores, mas na minha opinião vocês ainda não aplaudiram o suficiente. Há um homem que merece ser aplaudido também; é aquele que correu com a organização de todos estas festas, aquele sem cuja intervenção elas não teriam como acontecer, pois não haveria meios materiais para fazê-lo. É, em suma, o nosso irmão Esteva Marata". Uma salva estrondosa de aplausos encheu a sala, produzindo uma grande emoção no aplaudido. Em frases afetuosas, agradeceu ao irmão Farras e a todos os outros por tão delicada atenção, dizendo que, no que fez, vê apenas o estrito cumprimento de seu dever e aceitou tais aplausos para transmiti-los à sua bondosa esposa, a quem deveres de mãe prendiam no lar.

Outra salva de aplausos abafou as últimas palavras do presidente da Liga Espírita Espanhola, encerrando o sarau; as pessoas se espalharam pelo jardim e outras pela cidade, tornando o local a recuperar o aspecto quieto que costuma ter.

Às 8 horas, depois do jantar, ficou combinado que aqueles que não quisessem comparecer ao concerto poderiam ir dormir na casa daqueles irmãos que já haviam preparado camas, e que aqueles que comparecessem ao show ficariam à noite no próprio local do centro, já que, da hora do final do espetáculo até as cinco da manhã, hora em que eles deviam acordar, seriam transcorridas apenas umas de 3 ou 4 horas, que poderiam ser passadas de qualquer maneira.

Na chegada às instalações da sociedade Juventud Tarrasense, já o local estava completamente cheio, em vista do qual os membros da Junta daquela entidade

organizaram algumas mesas nas dependências da Secretaria, onde fomos obsequiados com café, licores e charutos.

O concerto foi magnífico; as expectativas que sobre ele tínhamos criado de manhã no Cemitério ficaram confirmadas plenamente à noite.

As duas sociedades corais que participaram contentaram a plateia por cerca de quatro horas; as melhores peças de seu vasto repertório foram cantadas ali, recebendo grandes aplausos da enorme multidão que lotava a sala.

Gostaríamos de dar uma resenha mais detalhada desse ato; mas não ter espaço suficiente nos impede de fazer isso como teria sido do nosso agrado.

Depois do concerto, uma comissão saiu até a porta para nos despedir, onde agradecemos imensamente as atenções para conosco, convidando-os em justa correspondência para nos acompanhar na manhã seguinte à montanha, e ao meio-dia para almoçar.

Passava da uma hora da madrugada, quando chegávamos às instalações do Centro, arrumando tudo para poder passar da melhor maneira possível as quatro horas que restavam da noite.

O SEGUNDO DIA

De manhã - Na montanha

Um lindo dia, com um céu sem nuvens e um sol esplêndido, amanheceu na segunda-feira. A natureza, que parecia aprisionada pelas nuvens que nos dias anteriores cobriam continuamente o céu, já livre destas, recuperara a frescura da época do ano em que estamos. Juntamente com os primeiros raios do sol e o canto dos pássaros, o salão e o jardim da casa dos Bendranas começaram a se agitar, assumindo logo o mesmo aspecto de animação e alegria do dia anterior.



(Ao pé da foto: Aspecto da manifestação ao sair do local Social.)

Às cinco e meia já quase todos aqueles que queriam ir para a montanha estavam ali reunidos, perfazendo um total de cerca de 300 pessoas, e às seis horas partimos para a Casa Poal, nome dado ao lugar onde iríamos passar a manhã.

Meia hora de Terrassa até Casa Poal ao longo de uma estrada sombreada por plátanos de ambos os lados, e como o sol queimava um pouco e essas árvores não

forneciam sombra suficiente, logo havia uma infinidade de sombrinhas abertas formando um conjunto pitoresco.

Em meio aos risos e brincadeiras dos jovens e às conversas dos anciãos, aquela hora se passou, chegando antes das sete horas na Casa Poal, onde depois de descansar por um tempo, um pequeno almoço de salada e azeitonas começou a ser distribuído.

Quando terminado, começaram os jogos e diversões, em que participaram todos, jovens e velhos, até que, cansados alguns, e não querendo mais sofrer o sol os outros, só ficaram os jovens, que continuaram em seus divertimentos para além onze horas, quando o retorno a Terrassa começou em grupos, indo alguns para a Escola de Artes e Ofícios, outros foram passear pela cidade e o resto para o local do Centro.

Seguiremos estes últimos, já que eles constituíram a maioria. O retorno foi mais difícil do que a ida; o sol estava quente e, como os raios caíam perpendicularmente, a sombra das árvores era nula e até mesmo as sombrinhas eram de muito pouca utilidade. No entanto, como este grupo era composto principalmente por jovens, em uma meia hora caminhamos da montanha até o Centro, onde à nossa chegada nos esperava uma agradável surpresa.

Nosso querido irmão, Sr. Tortosa, obteve emprestado do amigo em cuja casa ele e sua bela filha Pepita dormiram na noite anterior, um belo gramofone que ele possuía, de modo que, enquanto descansávamos, tivemos uma audição de gramofone, toda ela formada por peças das melhores óperas e cantadas por artistas eminentes, conseguindo com isso que, quando a voz de <Venham comer> nos obrigou a parar com a música, todos disséssemos: já?

A comida era composta pelos mesmos pratos do dia anterior, transcorrendo também em meio à mais franca alegria, e maior ainda, se possível.

Terminada a refeição as mesas foram retiradas e após proceder à limpeza necessária do salão, as cadeiras tornaram a ser colocadas como habitualmente, para poder começar o sarau na hora marcada.

O Sarau

Às 3:30 a sala começou a encher, e desde o início podíamos ver que ela ficaria completamente cheia, apesar de haver espaço para mais de 800 pessoas sentadas. A última badalada das quatro horas acabara de ser dada, quando depois de algumas palavras, o presidente Esteva passou a presidência ao ex-deputado e espírita entusiasta D. Jaime Anglés.

Ele aceitou-a, dizendo que, por causa dos muitos anos em que esteve longe da vida ativa do Espiritismo, não se considerava indicado para ocupar esse lugar, especialmente quando já estava ocupado por uma pessoa de tanta significação dentro

do Espiritismo como o Sr. Esteva Marata; mas que, por deferência ao mesmo, aceitava essa presidência, e reservando-se para falar no final, cedia agora a palavra ao jovem Cosme Vila.



(Ao pé da foto: A caminho do Cemitério.)

Este recitou uma poesia intitulada “O náufrago”, que descreve a angústia que passa o infeliz quando a tempestade afunda o navio em que vai navegando. Por ter recitado muito bem esta poesia, o Sr. Vila recebeu grandes aplausos de toda a audiência.

Após ele, seguiu-se María Santaaulalia, do Círculo La Buena Nueva; Josefa Roig, de La Fraternidad Humana, e Francisco Rosado, de El Altruismo, de Badalona, recitando a primeira uma linda poesia; e os últimos pronunciaram belos discursos, que exaltavam Kardec e Vives, merecendo nutridos aplausos da audiência que lotava completamente a sala.

Logo após, o Coro «Barcanona» cantou *Salut als Cantors*, que foi premiado com uma verdadeira ovação no final.

A série de discursos e poemas foi retomada com um belo diálogo, pelas irmãs Josefina e Conchita López, onde se evidencia a incompatibilidade da crença em Deus com a crença no Inferno.

O público, que escutava com grande atenção, elogiou seu trabalho com um grande aplauso, dirigido tanto à autora, nossa boa irmã Amália Domingo, quanto às intérpretes.

Logo após, seguiram os irmãos Martín Font e Luis Janer, pronunciando dois belos discursos sobre o objeto da festa e recebendo justos aplausos pelo seu trabalho.



(Ao pé da foto: A manifestação passando pela Rambla)

Ao irmão Janer seguiu o jovem José Carmena, corista da Sociedade Juventud Tarrasense, que com grande maestria, acompanhado ao piano pela ilustre professora Srta. Rosita Merino, cantou uma linda ária, demonstrando possuir uma bela voz e boa escola.

Este foi o último número da primeira parte, e quando terminado, houve 10 minutos de descanso.

Depois disso, a festa recomeçou. Merino iniciou-a tocando uma das melhores peças de seu vasto repertório, obtendo um verdadeiro triunfo pela maestria com que ele a executou.

Na sequência falou nossa irmã Juanita Piñol, pronunciando um inspirado discurso, no qual encorajava os espíritas a continuar trabalhando em favor de um tão grande ideal, seguindo os passos de Kardec e Vives, e convidando as mulheres espíritas a se livrarem de uma vez por todas do jugo do fanatismo que pesa sobre elas como laje de chumbo, matando toda iniciativa progressista que, delas ou a favor delas, venha à luz.



(Ao pé da foto: Aspecto da sala de jantar durante o almoço daqueles que serviram a comida aos pobres.)

Ao discurso da Irmã Piñol cheio de sentimento, no qual apenas o coração falou, seguiu o de Jacinto Fornaguera, presidente do Centro Amor Universal que, com razões de lógica inflexível e manejando com mão de mestre o bisturi da razão, foi esmiuçando esse cadáver putrefato chamado *caridade oficial*.

Uma salva de palmas saudou as últimas palavras do Irmão Fornaguera.



(Ao pé da foto: Depois do almoço)

A senhorita Emília de la Cueva leu com grande sentimento uma bela poesia de nossa irmã Amália, que foi recebida com grandes aplausos pelo público e que está inserida neste número, como a que foi lida no cemitério.

Conchita Vilaplana, que com Josefina Lopez compartilha o título de rouxinol de nossos saraus, recitou depois um belíssimo poema da eminente poetisa Cândida Sanz de Castellví, dedicado ao grande compilador da doutrina espírita. O trabalho desta linda menina foi recompensado com uma estrondosa salva de aplausos com que o público quis exteriorizar a simpatia que todos sentem por ela em Terrassa.

O sábio Dr. D. Mariano Torres, que há poucos dias tinha levantado pela primeira vez, depois de permanecer acamado mais de sete semanas, e impossibilitado por sua fraqueza de viajar para Terrassa, enviou um daqueles seus belos artigos que estamos acostumados a ler, assinado com o pseudônimo Teófilo, para ser lido nesta noite. Ele foi lido pelo nosso amigo Andreu, contador da Liga.

No final da leitura, uma verdadeira ovação ressoou na sala, uma demonstração respeitosa de afeto e veneração pelo ilustre escritor.

Então o Sr. Anglés se levantou para falar. Eram suas palavras aguardadas com grande expectativa pelo público, que queria ouvir o ex-deputado operário que tantas simpatias conquistara por seu brilhante desempenho no Parlamento.

Na impossibilidade de transcrever completamente o discurso do Sr. Anglés, faremos uma breve resenha dele, ou melhor, um resumo de seus principais parágrafos.

Ele começou fazendo um sucinto relato de como ele e a família de nosso diretor conheceram o Espiritismo, os erros em que incorreram e, finalmente, sua alegria em encontrar Vives e Fernández, que lhes mostraram como era o verdadeiro Espiritismo.

Falou mais tarde sobre como ele acredita ter cumprido seu dever como espírita, desde que começou a entrar em política. Descreveu a campanha em favor dos presos de Cartagena, sempre inspirado no Espiritismo, e tudo que para esses infelizes conseguiu obter de D. Antônio Maura, então Ministro do Interior.

Dois homens eu gostaria que estivessem aqui, disse o Sr. Anglés com palavra vibrante; um é aquele que na política é meu chefe, e acho que de muitos de vocês também. Vocês já o conhecem, é Alejandro Lerroux; e o outro é aquele que na Espanha representa o ultramontanismo mais assustador, Antônio Maura.

Eu teria gostado de o primeiro estar aqui ao meio-dia de ontem, para dizer a ele: "Olha: este espetáculo de fraternidade que você vê aqui, é o que seus banquetes deveriam ser; aqui, todos, ricos e pobres, comem os mesmos pratos e não são os pobres que agem como servos, não; são esses que não precisam da esmola para comer, e que, comparando seu status com aqueles a quem serviam, poderiam ser chamados de ricos.

As ideias de amor, fraternidade e liberdade que germinam em seu cérebro e que fazem você assumir calmo e sereno as diatribes de seus inimigos, não são suas,

não. Existe um espírito que intui você e é ele quem o guia em seu trabalho. E ao Maura? Eu diria ao Maura: Venha e contemple este espetáculo; afaste de si toda a paixão e diga-me se não é um belo ato, se isso não significa colocar em prática os ensinamentos daquele grande ser chamado Jesus, que tanto amava os pobres. Bem, você sabe o que está fazendo quando leva a Espanha pelo caminho que você propõe? Você sabe o que vai fazer quando implementar essa lei amaldiçoada chamada Repressão ao Terrorismo? Pois o que você faz é tornar estes atos absolutamente difíceis, dar lugar a, um dia, esses infelizes famintos e no auge do desespero saírem às ruas e acontecer uma catástrofe. Em fim, você torna a prática da moral evangélica impossível.

A essa altura, a emoção impediu o Sr. Anglés de prosseguir, e o público tributa a ele uma verdadeira ovação que acaba de comover o querido irmão.

Quando o aplauso silencia, o nosso diretor levanta-se, para dar fim ao sarau com seu discurso, que dirige a aqueles comparecentes ao convite feito no Cemitério; suplica a eles que o desculpem porque a falta de tempo o impede de cumprir sua promessa de explicar o que é o Espiritismo, pois já é muito tarde e às sete horas devem estar na estação.



(Ao pé da foto: Casa Poal.-Almoço na montanha)

Dirigiu-se depois àqueles que se mostram inimigos de que o Espiritismo, ou melhor, os espíritas, se misturem em política e explica-lhes um caso acontecido não há muito com uma irmã do Centro La Buena Nueva, a qual, pobre, doente e sem recursos, precisa viver com aquilo que seus irmãos de crença coletam para ela, e um litro de leite dado pela Caridade Cristã, que quase perdeu por ter recusado receber viático quando lhe foi proposto, recusa que valeu a ela, depois de muitas insídias e ameaças, que não quisessem mais fornecê-la o litro de leite; mas quando o nosso

diretor ficou sabendo disso, entrevistou-se com um dos vereadores republicanos insolidários, que prometeu forçar aqueles bons cristãos a passar a ela de novo o litro de leite como era de obrigação, e assim foi feito a partir do dia seguinte, quando aqueles mesmos que antes a tinham desprezado e abandonado, foram pedir à doente para não dizer ou fazer nada, e aquele leite não faltaria enquanto ela vivesse.



(Ao pé da foto: O nosso diretor almoçando cercado de amigos)

Depois de algumas palavras de despedida e prometendo retornar em breve para cumprir sua promessa do Cemitério, nosso diretor encerrou as festividades em meio ao maior entusiasmo e uma grande salva de aplausos.

Com o trem que partiu às 7 e 20 minutos de Terrassa, os expedicionários retornaram para Barcelona, fazendo votos de poder voltar no ano que vem e participar destas festas com maior esplendor, se possível, que neste ano.

As fotografias

Como nossos leitores verão, este ano foi possível tirar muitas fotos dos diferentes eventos que aconteceram. Algumas delas podem ser descritas como muito boas; outras, por terem que ser tiradas em lugares não muito apropriados para isso, não ficaram tão perfeitas. No entanto, é muito de se apreciar o trabalho de nossos irmãos Juan Grau, que tirou a maioria delas, Jaime Carbonell e Serafín Álberó.

Do banquete dos pobres, nenhuma fotografia pôde ser tirada porque era impossível um número tão grande de pessoas ficarem quietas, e a luz não permitia que instantâneas fossem tiradas com sucesso.

Gratidão

Agradecemos de todo o coração a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, nos deram seu apoio e encorajamento para o maior brilho desses festivais.

Em primeiro lugar, ao Exmo. Sr. Prefeito de Terrassa, que nos deu todas as facilidades compatíveis com o cargo que ocupa.

Ao coro "Barcanona" especialmente, bem como às duas sociedades corais de Terrassa que participaram dos eventos que celebramos; e na impossibilidade de mostrar-lhes de forma palpável nossa gratidão, só podemos dizer-lhes que sua conduta naquelas festividades foi um daqueles atos que cativam os corações das pessoas para sempre.

Devemos também tornar público o testemunho de nossa gratidão à ilustre professora de piano, Srta. Rosita Merino, que contribuiu muito com seu talento musical para nos tornar agradáveis esses dois dias. O mesmo dizemos das Srtas. Genoveva e Emília de la Cueva, cujas peças, inspiradas pelos espíritos, causaram grande emoção em todo o auditório.

Adesões

Além de que a Junta de Direção da Liga Espírita Espanhola, como órgão governante da mesma, representava todas as Sociedades que a compõem, eis os Centros e jornais que enviaram representantes particulares: Círculo A Boa Nova, Amor Universal e Amor e Vida, de Barcelona; La Aurora, La Fraternidad, de Sabadell; O altruísmo, de Badalona; Centro Cristiano Espiritista, de Lérida; Luz e União e A voz da Verdade.

Estes aderiram por carta ou enviando trabalhos para serem lidos: Centro Fraternal Espírita, de Manresa; D. Mariano Torres, de Lérida; D. Ángel Grinda, da Ilha Cristina; D. J. Oliver Betria, de Mequinenza; D. Amália Domingo Soler; Teresina Gestí e José Nadal, de Barcelona.

NOTA - Devido à urgência do tempo disponível na tarde de segunda-feira, vários irmãos deixaram de participar do sarau; e entre eles estava aquele que era encarregado de ler um belo discurso que escrevera para ele D. Ángel Grinda, da Ilha Cristina, que nossos leitores podem ler neste número.

J. Esteva Grau

Sr. D. Jacinto Esteva.

Querido irmão: O destino é adverso para mim. Eu, que aprecio tanto as nossas festas, e que de uma maneira tão singular teria curtido esta, dedicada à memória do grande Vives, não posso comparecer.

Convalescente de gravíssima doença, não me permitem as minhas poucas forças empreender a viagem e pessoalmente contribuir para o esplendor desse ato, mesmo que não seja mais do que a pequena parte que se tem o direito de esperar de mim. Ainda lembro com tristeza, que também no ano passado, obstáculos intransponíveis impediram-me de acompanhá-lo no primeiro aniversário do inesquecível irmão e amigo. É por isso que eu disse e repito que o destino é adverso para mim. Porém não vou me resignar a uma ausência absoluta, em se tratando de um festival dedicado a uma pessoa tão significada por suas virtudes, que tanto me considerava e cuja memória é um poderoso incentivo que me estimula e encoraja nos momentos (poucos, felizmente) de desânimo e indiferença, filhos do isolamento ao qual as circunstâncias me têm sujeitado.

Sim, irmão Esteva: sentindo-me fraco e preguiçoso para o bem, quando me vejo moralmente descontente, desanimado e pessimista, a memória de Vives com sua palavra de fogo, com seu entusiasmo como apóstolo e com seu inesgotável amor, conforta-me e me anima, sentindo-me repentinamente enérgico, amoroso e resignado, com disposição plena para assumir bem esta prova, nos poucos anos que me restam da vida humana. E a tranquilidade retorna ao meu espírito, a existência é agradável para mim e os dias passam com relativa calma e placidez. Quero, portanto, fazer parte, de um modo ou de outro, dessa multidão entusiasta do Bem, congregada para honrar aquele que soube esbanjá-lo à mão cheia, aquele que com justiça poderíamos afirmar que foi a encarnação do Bem na Terra.

Assim, desejo, meu amigo, que depois de cumprimentar carinhosamente todos os irmãos congregados, diga que me uno a eles na memória amorosa do irmão que passou a uma vida melhor deixando a dura prisão de um velho e enfermo organismo. A todos associo-me com entusiasmo, nessa geral parabenização ao irmão liberto, que teve a sorte de chegar ao fim de seu exílio, passando a desfrutar da verdadeira vida, da verdadeira liberdade, concedida pela lei da justiça às almas que com seu trabalho souberam se redimir. Glória a Vives! meus irmãos. Mas, não glória idólatra, não glória de contemplação mística, mas glória de imitação, glória de atividade, sempre tendo em mente suas palavras e atos, com o propósito de nos assemelharmos a ele, e quando não, chegar o mais longe possível em sua imitação.

Este deve ser e não outra, a forma e maneira de honrar a memória dos santos do calendário espírita, canonizados, não por conclaves e concílios, mas pelo povo, pela consciência pública. Nada de platonismos místicos; obras, obras e nada mais do que obras é o que constitui o culto espírita leigo. É por isso que é tão digno de aplauso esse almoço que vocês dão aos pobres, àqueles prediletos amigos de Vives, àqueles infelizes, cuja existência é o opróbrio e afronta de uma sociedade que se atreve a se dizer civilizada e cristã. Mentira; não existe humanidade civilizada nem cristã que permita milhares de seres humanos carentes do que é preciso e indispensável para a vida moral e física, existindo na terra alimento suficiente para todos os homens. A humanidade

terrena não chegará, não, à verdadeira civilização, ao verdadeiro cristianismo, enquanto a crença na existência da alma e em sua eternidade não for universal. E essa crença universal não pode ser obra de nenhuma religião, como a experiência já demonstrou; todas elas estão falidas, a negação ateísta e materialista as quebrou.

A afirmação da existência da alma deve ser obra de ciência; deve vir não da imposição dogmática, mas da convenção racional e científica; deve ser obra do espiritualismo moderno. Esta é a única filosofia que, baseada em princípios científicos e fatos de experimentação positiva, levará à profunda convicção da nossa imortalidade e ao dever imperativo de valorizar elementos de vida eterna, elementos de verdadeira felicidade, imperecíveis e inalienáveis.

A generalidade dos homens anda inteiramente errada no que diz respeito ao valor das coisas, chamando de positivo aquilo que necessariamente irá ser completamente aniquilado em poucos anos e poderia desaparecer em poucos momentos. Com uma óbvia falta de lógica, é chamado de positivo aquilo que se refere apenas ao corpo material: riquezas, honras e dignidades humanas, assim como tudo aquilo que satisfaz o orgulho, cobiça e luxúria, como se o corpo fosse durar eternamente, esquecendo que a vida é tão curta, que em comparação com a eternidade, representa menos do que um relâmpago. E não é loucura manifesta, meus irmãos, trabalhar tão febrilmente por um brevíssimo momento de nossa existência, esquecendo por completo o que se refere à nossa vida eterna? Qualquer um diria que nunca vimos nenhum enterro, que não tivemos mortes entre nossos amigos e familiares, dado o furor com que procuramos as coisas da matéria. Fiquem lá os poderosos e magnatas da Terra com suas riquezas e honras. Eu prefiro alguns centavos de poupança em elementos espirituais, aos milhares e milhões em elementos de ordem material, que além de não trazer nenhum benefício ao meu espírito, deixarei quando menos poderia supor.

Para mim, e para quem use o raciocínio, não são positivos aqueles interesses que, por sua vez, se tornarão propriedade de outras pessoas, perdendo eu completamente todo o poder sobre os mesmos. Só é positivo aquilo que não terá fim, aquilo que é e será meu, que não pode ser separado de mim, o que sempre me perseguirá, sempre, em minha existência eterna.

Somente as verdades que adquiri e as bondades que pratiquei são minhas e sempre serão porque ninguém pode tirá-las de mim. Isto, então, é que é realmente positivo e, mais cedo ou mais tarde, os homens irão ver isso.

Que não desperte, então, inveja e raiva em vocês, irmãos congregados, a visão daqueles palácios, daqueles carros, daquelas caravanas e outras fastuosidades dos privilegiados da Terra. Olhem para elas com serenidade, contemplem-nas com os olhos do espírito e, diante da sua presença provocativa, vocês irão se sentir calmos em sua humilde situação, desfrutando de maior felicidade do que muitos daqueles que, julgando pelas aparências, parecem a personificação da felicidade. Quantas vezes meus irmãos, as sedas, as joias e os enfeites escondem um coração infeliz, uma consciência

dolorida! Não busquem riquezas que a ferrugem corrompe e ladrões roubam; vamos procurar as riquezas da verdade, aquelas que ninguém pode tirar de nós.

Que os irmãos que têm um relativo bem-estar se sintam satisfeitos; façam o que é moralmente lícito para melhorar a sua sorte os menos abastados e os pobres, porque atividade e trabalho são um dever, mas, se apesar de seus esforços não atingirem o seu propósito, devem se resignar pensando que sua triste situação é uma parte essencial de sua prova, que devem cumprir se quiserem realizar o propósito que fizeram quando encarnaram.

Para conseguir isso, será muito útil lembrar o falecido imortal que hoje homenageamos; sua memória nos estimulará a fazer nossa pacotilha, nossas economias espirituais, que constituirão nosso patrimônio inalienável. Quem se lembrar de Vives, vai agir com justiça e bem em todos os seus atos.

Abraça vocês, espiritualmente, com o mais puro afeto, seu irmão,

Mariano Torres (Teófilo).

DIANTE DO TÚMULO DE MIGUEL VIVES

Túmulo que guardas os restos
de um homem bom e simples
a quem não seduziu o brilho
da pompa mundana;
se não houvesse mais nada
que esta humilde sepultura...
que tristeza! Que amargura!
Que decepção tão fatal!
Consagrar uma existência
a uma propaganda ativa,
dizendo ao homem: "Ande,
que você tem um futuro;
faça o bem pelo bem,
que todos são seus irmãos;
Tenha pena dos tiranos
que fazem o fraco gemer ».
E depois de fazer esforços
para promover as virtudes,
receber só a ingratidão
e o esquecimento, em conclusão...
Que triste seria, Santo Deus!
mas não; a vida dura;
e no tempo não há medida
que limite a ascensão.
O corpo fica na cova
e a alma vai muito longe
em busca de reflexos
de outros sóis de mais luz.
E a alma cujo envoltório
neste túmulo é deixado,

Já está longe da Terra:
Onde tanto amou a Cruz!
Foi um cristão reverente
um fervoroso espiritualista
ativo propagandista,
indo do progresso atrás.
Sempre cumprindo como os bons;
e é justo virmos aqui
dizendo: Não te esquecemos;
Não te dizemos Adeus!
Todo ano nós viremos
deixar umas flores humildes
que serão coloridas
pelo nosso beijo fraterno.
Olhe por nós lá do alto;
nós seguimos seus ensinamentos,
e mantemos a esperança
de que o Bem vencerá o mal.
Adeus, Miguel; até logo;
nunca o amanhã termina;
existe para a raça humana
sempre um futuro melhor.
Por você, é por você que sabemos
que a felicidade é infinita;
e que a água da vida
está na fonte do amor!...

Amália Domingo Soler

Por Kardec, por Miguel Vives

Irmãos e irmãs: afastado *a fortiori* de vocês, materialmente, hoje meu espírito agitado voa apressadamente para esse delicioso lugar onde, com todos os pensamentos fundidos em um só, batendo todos os corações por um único sentimento, vocês cumprem o dever sagrado de render justo tributo aos veneráveis Mestre e Apóstolo do Espiritismo, Allan Kardec e Miguel Vives. Eu também cumpro esse dever: eu também estou com vocês.

Olhem-me, não me veem? Não veem uma sombra dolente, tímida, desanimada, lutando para sacudir de si o tédio da vida, submergindo-se no pélogo de luz rutilante

que a todos vocês inunda? Não me veem em pé com algumas páginas na mão, meus olhos fixos na figura majestosa do bom Vives que, fielmente representado por uma mão amorosa, preside impávido a Assembleia? Pois é; aqui estou eu, entre vocês, chorando de emoção, pela segunda vez, sacudindo meu tédio, despertando para uma nova vida e acariciando a mais bela aspiração dos meus sonhos... Olhem-me, olhem-me bem, e escutem-me com sua costumeira benevolência.

Nada que vocês não saibam eu poderia lhes dizer; nem sequer é possível acrescentar mais uma folha à imarcescível coroa tecida anos atrás para essas comemorações solenes; mas é meu dever, é nosso dever, refrescar seus louros, e a isso me disponho com toda a efusão de minha alma e com todo o escasso conhecimento de minha inteligência; escasso, sim, mas não por isso menos leal, menos sincero.

A santificação e a perdurabilidade de uma ideia não dependem apenas da ideia em si; é necessário descobrir quem saiba enaltecê-la, quem possa preconizá-la, quem possua a integridade moral suficiente para conservá-la e transmiti-la intacta, pura e sem mancha, no processo de sua divulgação. Na ausência dessas qualidades inalienáveis do propagandismo, o Cristianismo primitivo, o Cristianismo de Cristo, sofreu e sofre profundamente. E por essa razão, também, as figuras de Vives e Kardec são tão venerandas e colossais; porque ambos preencheram plenamente tão alta missão. Eles enraizaram a ideia do "Espiritismo" que flutuava à mercê dos furacões da ignorância e da calúnia, e que pelos esforços titânicos deles evoluiu do efêmero e grotesco para o permanente e real, do embrionário e metafísico para o fato rotundamente matemático e eminentemente prático; encarnando de maneira irrefutável em um deles na experiência, que é A CIÊNCIA, e no outro na caridade, que é O AMOR.

Mas por isso mesmo, Allan Kardec e Miguel Vives, como muitos outros grandes espíritos que, através dos tempos, legaram à humanidade com a sua ciência, ou com o seu exemplo, a semente que constantemente dá frutos nos campos férteis do Progresso, não têm, não merecem ter outro modo de receberem sufrágios mais do que com a emulação. Portanto, sem dúvida, vocês que formam a cabeça do Estado Maior no Espiritismo Kardecista espanhol, e o entenderam assim, não vacilam, mesmo à custa de trabalho e sacrifícios, na realização desses atos, que, embora não sejam necessários para nós, eles o são, e muito, para aqueles carentes do alimento restaurador das suas forças físicas e do poderoso néctar da fé raciocinada, que cimenta as nossas crenças e afugenta os desânimos do espírito, restituindo ou criando a energia necessária para lutar com vantagem e superar com certeza a grande batalha que necessariamente é preciso lutar para a conquista de um futuro de paz e ventura.

Para continuar essa obra emulativa, este trabalho regenerativo de NOSSOS DOIS GRANDES ESPÍRITOS, é necessário requerer todas as forças morais e materiais;

é necessário que, despindo-nos de qualquer resto de paixão bastarda que poderíamos ter como escórias remanescentes de incêndios de tempos remotos, entendamos com prudência e confessemos com sinceridade, que ainda estamos distantes, muito distantes dos Seres a quem é forçoso imitarmos: sem desmaio ou indiferença, apertemos o passo, sem voltarmos a vista atrás!

Assim e somente então, podemos remediar (porque somente ao Espiritismo esta grande missão é reservada) o estado de iminente decadência intelectual e religiosa à qual fomos retrotraídos na Espanha, a influência má e absorvente do paganismo reformado, que a ilude, e a cesárea e férrea mão que a submete: assim, e somente assim os Grandes Gênios que nos precederam serão bem atendidos e honrados, porque assim e somente assim serão imitados.

Além disso; sabendo, como sabemos, que o Espiritismo não é obra de apenas o ser humano; sabendo, como sabemos, que os seres do espaço (talvez aqueles que desejamos imitar) colaboram conosco como fatores essenciais, utilizando leis que escapam às inteligências medíocres da generalidade dos considerados sábios; persuadidos como estamos da efetiva ajuda do Alto, não devemos nos deixar intimidar por aqueles que, em seu desejo pueril de negar o que não sabem ou o que parecem ignorar, atiram em nós as flechas enfadonhas de suas sátiras mordazes: não tenhamos medo deles, porque eles não conseguirão não, com todo seu mesquinho poder e com toda a sua pérfida astúcia, abafar o foco poderoso de irradiação imanente que ilumina o mundo e se chama Espiritismo: eles não o extinguirão, não, porque esse Foco é Deus e sua irradiação é A VERDADE ÚNICA, IMUTÁVEL, ETERNA.

Logo deixarei vocês, queridos irmãos, porque vou terminar; mas não será sem antes fazer uma declaração solene que acredito (porque conheço todos vocês e com preferência o nosso digno Presidente) e espero com viva e completa fé que vocês saberão como continuar a promover, cada vez mais e conforme as circunstâncias exigirem, o auge e a revelação da nossa Santa Doutrina, para o bem da Humanidade e glória dos Espíritos Mestres que homenageamos.

Estou aqui com vocês e já estou longe, materialmente distante, mas eternamente unido a vocês em vínculo indissolúvel, pela comunidade de ideias e pela gratidão e amor que sempre lhes professarei.

Ángel Grinda

Ilha Cristina 8 de junho 1908.

A Miguel Vives

Na minha memória, Miguel,
tu tens, faz tempo, um *ninho*
e ninguém te expulsará dele
porque sempre te amei tanto
que não posso te ser infiel.
Era obrigação te amar
depois de te conhecer;
mas ¿o que estou dizendo?
Para te admirar era o suficiente te ver;
porque tu atraías de tal modo
que era preciso dizer: Senhor!
Este homem não é deste mundo;
como ele fala bem de amor!
De amores grandes!... profundos!
Será um novo Redentor?
E foste, sim, tu foste um Redentor;
apóstolo da verdade,
Quantas verdades te ouvi dizer!
Como admirei a tua piedade,
e quanto aprendi contigo!
Quanto amavas os pobres!
Com eles e com as crianças
partilhavas teus prazeres,
a todos davas carinho,
porque com eles... tu vivias!
Nas tuas horas de lazer
dizias: “Venham, pobrezinhos!
Quero alegrar suas faces;
venham, também, pequeninos,
às minhas festas da paz!”
E de verdade, eram mesmo, sim;
a tua casa era um pomar florido,
e nela, quanto aprendi!
Daquelas festas, Miguel,
a lembrança vive em mim.
E viverá; tão profundo
que nunca te serei infiel;

não te esqueço nem um segundo,
porque a tua lembrança, Miguel...
é a minha *bússola* nesse mundo!...

Amália Domingo Soler

